

## O CONTO DE CLARICE LISPECTOR E A SOCIEDADE BURGUESA<sup>(1)</sup>

Taiza Rauen Moraes

A presente abordagem do conto "A Bela e a Fera ou A Ferida grande demais" se fundamenta na tentativa de apreender o ângulo de visão, gerado por estímulos externos e internos, de duas personagens situados em posições de extremo antagonismo na pirâmide social: o mendigo, encaixado na categoria do proletariado lumpem, contraposto a uma milionária pertencente à cúpula piramidal constituída pela alta burguesia, segundo a amostragem duplicat6ria e crítica do real, proposta pelo texto.

O enredo, estruturado no sentido de trabalhar com aspectos extrínsecos e intrínsecos dos personagens, toma impulso a partir do momento em que se processa o encontro mendigo-milionária, episódio que desencadeia a revelação das ambigüidades paradoxais que regem as relações sócio-econômicas, quanto à valorização do homem pelo seu status financeiro. Sua articulação se processa em três etapas:

- apresentação, em primeira pessoa, da personagem protagonista (Carla) numa situação de anormalidade ante seu cotidiano, onde se define, nitidamente, o status social e a alienação a uma rotina ociosa advinda da proteção financeira;
- encontro de Carla com o mendigo: choque de duas realidades;
- reações de Carla/mendigo (menor amplitude) após o encontro.

A delimitação, entre as partes do conto, está diretamente vinculada à ação do tempo na psique da protagonista, que se altera e se intensifica da primeira para a segunda etapa, ao transformar-se basicamente de tempo cronológico para tempo psicológico, aumentando desta forma o tonus narrativo, vindo a mesclar-se em cronológico-psicológico, na fase final.

Carla, representante típica da alta-burguesia, dispõe de chofer, sítio com vinhedos para férias, créditos no cabeleireiro, tempo e dinheiro disponíveis para viagens. Enfim, uma série de alternativas de lazer, proporcionadas pelo seu padrão sócio-econômico e que oferecem possibilidades de alienação ao estabelecerem um distanciamento com a outra face da sociedade capitalista, representada pelo marginalizado do contexto produtivo. Esse, por sua vez, se encontra em iguais condições alienatórias por ter aleijado sua capacidade de julgamento ao mitificar os componentes de alta-burguesia.

"...milionária era para ele apenas uma palavra e mesmo se nessa mulher ele quisesse encarar uma milionária não poderia porque: onde já se viu milionária ficar parada de pé na rua, gente? (p. 143)

A mitificação do homem rico como um ser inatingível, de um lado, é a realidade vivenciada pelo mendigo que, na impossibilidade de alterar sua condição financeira, passa o vácuo gerado pela falta de equilíbrio sócio-econômico, refletido na diferença de qualidade de vida nas camadas situadas nos extremos sociais. De outro, constitui o ponto fulcral deste discurso de Clarice Lispector que manipula ora com uma face, ora com outra, do mundo parcelado pela divisão de classes.

Assim, verifica-se a ascensão de médios burgueses para o estrato social superior, evoluindo conforme os preceitos da prosperidade preconizados no capitalismo, ponto onde, ironicamente, são expostas duas maneiras para passar a integrar a elite. Cada membro do casal Souza e Santos utilizou estratégias diversas no intuito de atingir um mesmo fim, em um contexto onde a meta primeira é prosperar. A exploração financeira gerada pela inflação e pelo movimento da Bolsa de Valores determinaram os recursos manipulados pelo marido de Carla, que é banqueiro "self made man" como é ironicamente descrito por Clarice; enquanto que "bons casamentos" foram os artificios usados por Carla ou Carla de Sousa e Santos após o segundo casamento, instituição esta grandemente explorada como trampolim social devido ao desvirtuamento da tradição judaico-cristã que encara o casamento como forma de manter a procriação dentro de limitados preceitos morais.

Este aspecto tem fortes antecedentes literários no âmbito de nossa literatura. Escritores como José de Alencar e Machado de Assis, preocupados também em recriar a ideologia burguesa "brasileira", trataram deste problema em suas obras. O romance *Senhora*, de Alencar, tem como tema estruturador

o casamento como uma instituição "usável" para a ascensão social; enquanto que Machado de Assis aborda-o de forma mais camuflada em *Dom Casmurro*.

O desvirtuamento da tradição efetuada pelo capitalismo constitui o aspecto no qual se pretende buscar apoio, no sentido de colocar "A Bela e a Fera ou A ferida grande demais" como um texto crítico de denúncia da estruturação social limitadora das chances de "prosperidade" às camadas superiores, criando desta forma um maior distanciamento com a classe inferior, desprovida de alternativas para atingir os critérios mínimos de uma vida digna. Neste sentido o discurso é construído sob a égide da ironia, recuperando, formalmente, o real, questionado de modo a demonstrar, ficcionalmente, a assertiva de Adorno de que:

"na liberação da forma, que está contida a liberação da sociedade, porque a forma ou seja, o contexto estético de todo particular, representa na obra, as relações sociais."(2)

Do ponto de vista da linguagem em "A Bela e a Fera" ela é coloquial, permeada de palavras "entre aspas" ou palavras portadoras de sentido textual diverso, gerando o fenômeno do estranhamento, o que provoca uma quebra no efeito de empatia da arte, e opera uma reação à sociedade por intermédio da forma:

— uso de palavras "entre aspas" para, ironicamente, inverter o sentido, conotando a superficialidade da estrutura das relações sociais:

"Eram importantes o "de" e o "e" — marcavam classe e quatrocentos anos de cartoca."(3)

"...naturalmente seria banqueiro, coisa normal que acontece entre os "dela", isto é, de sua classe social, à qual o marido, porém, alcançara por muito trabalho e que o classificava de "self made man" enquanto ela não era uma "self made woman."(4)

"Não, ela não era mulher de ter chiliques e fricotes e ir desmairar ou se sentir mal. Como algumas de suas "coleguinhas" de sociedade."(5)



— utilização da antipersonalização para negar o dito (animalização):

"Viviam nas manadas de mulheres e homens que simplesmente "podiam"."(6)

— manipulação da sinédoque na configuração do mendigo:

"...uma ferida que pedi adinheiro para comer."(7)

Recursos formais que fazem, do conto ora estudado, um discurso crítico ao expor os falsos valores de base da burguesia ascendente, esteada no dinheiro a ponto de admitir a existência de uma camada de pessoas marginalizadas e estereotipadas como improdutivas.

O estereótipo se evidencia com a anulação de critérios básicos que individualizam as pessoas. O prenome, enfaticamente acrescido de sobrenome, marca a personagem burguesa, contraposta ao mendigo que é apenas um anônimo, apesar de sua ação decisiva na vida de Carla: é responsável pelo desencadeamento de um processo de desalienação. Somente no final da narrativa é mencionada, brevemente, a necessidade de romper com sua obscuridade:

"De repente pensou: nem me lembrei de perguntar o nome dele."(8)

A obscuridade explica-se pelo isolamento do mendigo de um contexto que exige, dos membros participantes, não apenas o nome, mas também números de identificação, geradores do "ar de semelhança" que paira na civilização atual.

Assim, a oposição proletário anônimo/Carla, integrante de uma elite organizada, articula o processo de construção do conto com a exposição intercalada de índices da realidade, vivenciada por cada um.

Carla, assim como Laura, Margarida Flores, Ana, são personagens do mundo clariceano que apresentam, como ponto comum de suas vidas, a ausência de trabalho, uma disponibilidade ociosa em grande parte do dia, vindo a resultar na necessidade da construção de esquemas metódicos para o preenchimento do tempo vazio e propulsor de uma insegurança vinculada a um sentimento de fracasso ante a não-produtividade:

"Fazia todos os dias a lista do que precisava ou queria fazer no dia seguinte — era desse modo que se ligara ao tempo vazio. Simplesmente ela não tinha o que fazer. Faziam tudo por ela. Até mesmo os dois filhos — pois bem, fora o marido que determinara que teriam dois..."(9)

O cotidiano "bem sucedido" financeiramente de Carla passa por leitura crítica, na medida em que é estabelecida a distância de seu "eu" com os papéis que, socialmente, desempenha:

"Antes de casar era de classe média, secretária de banqueiro com quem se casaria e agora — agora luz de velas. Eu estou é brincando de viver, pensou, a vida não é isso."(10)

A tentativa de liberação de um contexto saturado de falsidades se desencadeia na protagonista após o encontro com o mendigo, conforme as etapas apontadas:

- choque ante a extrema miséria;
- revolta com a estrutura social;
- empatia com o mendigo;
- volta à realidade anterior com alguns questionamentos.

No nível denotativo a miséria sem saída do mendigo faz com que Carla, num primeiro momento, sinta-se desamparada, seguindo-se de uma revolta unilateral ao crer na possibilidade de extinguir com o proletariado lumpem, sem que haja uma alteração na sociedade de classes, passando, posteriormente, a igualar-se ao mendigo pela dependência de suas vidas. Ambos se encontram em posições alienantes: Carla mendiga no campo afetivo,

"Nunca pedi esmola mas mendigo pelo amor de Deus que me acham bonita, alegre e aceitável, e minha roupa de alma está maltrapilha..."(11)

enquanto que o mendigo busca todo o auxílio material para sobreviver. Finalmente, ambos retornam ao cotidiano anterior. Carla com algumas questões sobre a alienação de seu dia-a-dia,

"Será que estivera até agora com a inteligência embutida?"(12)

e o mendigo, com a contínua exploração de sua ferida.



O fator social e o fator ideológico, como elementos externos, refletem um real na narrativa e integram-se na estrutura do conto que escreve, em níveis profundos, a possibilidade do burguês ultrapassar de um cotidiano médio para um cotidiano superior, juntamente com a fácil assimilação dos valores elitistas, bem como, de forma oposta, a estagnação social do proletariado lumpem ao não dispor de saídas alternativas para sua situação.

Evidencia-se, desta forma, uma integração dialética: os significados do nível denotativo transformam-se em significantes do nível conotativo, criando uma unidade de sentido para o conto "A Bela e a Fera ou A ferida grande demais". O resultado do jogo entre o significado denotativo e significativo conotativo resulta na ampliação do significado da mensagem.

O mecanismo está expresso no próprio título duplo e na variação entre o primeiro e o terceiro focos narrativos. O significado da expressão "A Bela e a Fera" no conto é "Ferida grande demais" e vai constituir o significativo do nível conotativo que é "Ferida grande demais". Esse significativo decodificado revela a ampliação do valor semântico:

- num primeiro nível — ferida na perna;
- segundo nível — uso do fato de ter uma ferida na perna para sobreviver;
- terceiro nível — a ferida social que é a ampliação de todos os aspectos sugeridos pela própria expressão.

A construção do conto, com variações entre o primeiro e o terceiro focos narrativos, proporciona condições para que o real seja captado sob duas óticas.

O primeiro foco narrativo salienta vivências autobiográficas, nas quais a protagonista expõe acontecimentos relacionados consigo, vindo se posicionar como vivente de seu tempo, situando-se historicamente. A protagonista da narração em primeira pessoa mantém uma relação subjetiva com o objeto. Enquanto que, no terceiro foco narrativo, o narrador onisciente age como demiurgo, ao penetrar no inconsciente e subconsciente das personagens. Assim visto, as personagens são históricas e psicologicamente refletidas no corpo da narrativa:

- primeiro foco narrativo — Carla se posiciona no contexto sócio-econômico e situa objetivamente o status como critério diferenciador das pessoas integrantes de uma sociedade de classes;

"Teve vontade de dizer: olhe, homem, eu também sou uma pobre coitada, a única diferença é que sou rica."(13)

— terceiro foco narrativo — o narrador onisciente enfoca as reações românticas da protagonista constitutivas de uma válvula de escape à opressão do econômico:

"Estava sonhadora, distraída, de lábios entreabertos como se houvesse à busca de uma palavra."(14)

Neste sentido, a linguagem traduz, convincentemente, as ideologias que regem o infimo, o médio e o alto estratos sociais, através da clareza de significações. A distinção social é demarcada pelos níveis econômico e cultural. O distanciamento cultural estabelecido entre a personagem da elite e a personagem do proletariado lumpem, é verificável no nível denotativo a partir de suas configurações imagéticas e de índices de desenvolvimento intelectual. Observe-se a contraposição entre o aspecto físico e maltratado do mendigo, possuidor de gengivas quase vazias e uma enorme ferida na perna, e o físico bem cuidado de Carla:

"Quando se viu no espelho — a pele trigueira pelos banhos de sol fazem ressaltar as flores douradas perto do rosto nos cabelos negros."(15)

Também na performance intelectual se formaliza uma diferença:

"De repente perguntou ao mendigo:

— O senhor fala inglês?

O homem nem sequer sabia o que ela lhe perguntara."(16)

Os valores propagados pelo "aparelho escolar" e pela ideologia do país economicamente dominante, que supervelociza sua língua, tornam-se critérios de distinção entre as pessoas portadoras de escolarização (alheias aos valores ideológicos transmitidos pela escola).

As afirmações e fragmentos do texto podem mostrar que o conto "A Bela e a Fera ou A Ferida grande demais", ao alternar com enfoques posicionadores das personagens histó-

rica e subjetivamente, objetiva veicular uma realidade já questionada, que propõe uma interpretação à variação seletiva imposta pelo mecanismo de classes que limitam as chances de alteração social e a reprodução subjetiva pessoal dos indivíduos, inseridos na sociedade capitalista.

#### NOTAS

- (1) Capítulo da dissertação de mestrado Clarice Lispector: aspectos ideológicos de sua classe social, apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1982.
- (2) JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*. Trad. Roberto Ventura. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, p. 166.
- (3) LISPECTOR, Clarice. "A Bela e a Fera ou A Ferida grande demais." In: *A Bela e a Fera*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979, p. 134.
- (4) Idem, *ibidem*, p. 135.
- (5) Idem, *ibidem*, p. 140.
- (6) Idem, *ibidem*, p. 134.
- (7) Idem, *ibidem*, p. 145.
- (8) Idem, *ibidem*, p. 146.
- (9) Idem, *ibidem*, p. 138.
- (10) Idem, *ibidem*, p. 140.
- (11) Idem, *ibidem*, p. 143.
- (12) Idem, *ibidem*, p. 144.
- (13) Idem, *ibidem*, p. 144.
- (14) Idem, *ibidem*, p. 145.
- (15) Idem, *ibidem*, p. 134.
- (16) Idem, *ibidem*, p. 142.